

A Intervenção dos EUA na Sibéria como Operação Militar de Não Guerra

Dr. Paul E. Dunscomb

Qualidades de uma época passada.

S.L.A. Marshall¹

SE A DÉCADA DE 1990 serve como uma indicação, a “futura” missão do militar americano está ocorrendo agora. As operações militares de não guerra (*military operations other than war — MOOTW*), tais como as do norte do Iraque, na Somália, no Haiti, na Bósnia e em Kosovo, certamente se tornarão mais regra que exceção, no início do século XXI. Dada a probabilidade de tais missões, a necessidade de criar e evoluir a doutrina é de suprema importância. Porém, limitar o estudo apenas para as operações conduzidas pelas Forças Armadas dos EUA durante essa década torna a criação de uma doutrina verdadeiramente compreensiva e flexível para *MOOTW* muito improvável.

A reavaliação dos eventos históricos em termos de doutrina de *MOOTW* fornece lições e abordagens que podemos usar com bom proveito em futuras operações. Mas, assim como as *MOOTW* exigem que o militar americano desenvolva novas habilidades além das da guerra tradicional, os historiadores militares do futuro não poderão se confinar estritamente à antiga descrição de operações. Uma abordagem mais ampla e profunda será necessária. Felizmente, a história do século XX é rica em potenciais estudos sobre *MOOTW*, tal como o caso da intervenção americana na Sibéria, de 1918 a 1920.

Sibéria, 1918-1920

Em julho de 1918, após meses de pressões exercidas pelos aliados da I GM, o Presidente americano Woodrow Wilson convidou os japoneses a enviarem, junto com os EUA, uma força, de uns 7.000 homens cada, para Vladivostok, na Rússia. A missão das tropas tinha três tarefas principais: proteger a grande quantidade de equipamentos militares que haviam sido estocados no porto

e ao redor do porto; manter a extremidade oriental da estrada-de-ferro Transiberiana, para que as tropas checas, que haviam se apoderado de boa parte da estrada-de-ferro em junho, pudessem seguir na direção oeste para estabelecer contato com seus companheiros; e “fortalecer quaisquer esforços para o autogoverno e a autodefesa caso os próprios russos estivessem dispostos a aceitar assistência”.² Wilson deixou claro que as tropas enviadas à Sibéria não estavam lá para apoiar um ou outro lado na guerra civil russa. Ao contrário, seu propósito era o de prover um ambiente estável dentro do qual os russos pudessem determinar, por si próprios, o tipo de governo que desejassem.³

A Força Expedicionária Americana (*American Expeditionary Force — AEF*), na Sibéria, era composta principalmente dos 27º e 31º Regimentos de Infantaria, normalmente baseados nas Filipinas sob o comando do *Major General* William Sidney Graves. Os ingleses enviaram um regimento de infantaria de Hong Kong e os franceses enviaram um da Indochina. A Itália, o Canadá, a China, a Sérvia, a Polônia e a Romênia também enviaram pequenas — simbólicas — unidades de apoio. As forças checas, aproximadamente 50.000 homens, serviram na maior parte a oeste das montanhas Urais, como elementos avançados dos Exércitos Brancos, que marchavam em direção a Moscou. Os japoneses tinham, de longe, o maior número de forças. Várias divisões, totalizando uns 73.000 homens, foram enviadas à Província Marítima da Sibéria Oriental, através de Vladivostok, e para a região do Transbaikal, na Sibéria Ocidental, atravessando o norte da Manchúria. Embora o Supremo Comandante na Sibéria fosse japonês, a maioria das forças, a dos EUA em particular, operavam sob uma estrutura paralela de comando.⁴

A área de ação na Sibéria era vasta, cobrindo mais de 1.200 milhas aéreas desde Vladivostok até Irkutsk, a oeste do Lago Baikal. A rota mais direta entre os dois

locais passava pelo norte da Manchúria. Em 1896, os russos haviam conseguido o direito, por tratado, de construir uma ferrovia (a oriental chinesa) ao longo dessa rota direta e a área da ferrovia era virtualmente território russo.⁵

Embora a Rússia e a França tivessem expressado o desejo de que as forças americanas e japonesas procedessem em direção ao oeste das Urais para tentarem reconstituir uma frente oriental contra a Alemanha, ambas nações se negaram a fazê-lo. Em todo caso, Irkutsk marcava a área mais ocidental das operações. A autoridade russa na região era geralmente fragmentada, mesmo depois que o Almirante Alexander Kolchak assumiu o governo, “todo russo branco” (contra-revolucionário), em Omsk. Dois líderes regionais de exércitos cossacos, Gregory Semenov, em Chita no Transbaikal e Ivan Kalmykov, na área

A intervenção na Sibéria também lembra a moderna operação militar de não guerra porque a sua história não pode ser contada apenas pelo ponto de vista do Exército dos EUA. A Marinha dos EUA enviou vários navios para Vladivostok (o Almirante Austin M. Knight serviu como Comandante Supremo das Forças Navais da coalizão) e se ocupou com extensas operações de coleta de informações. Fuzileiros Navais dos EUA, destacados dos navios, realizaram patrulhas de segurança na cidade.

ao redor de Khabarovsk na Província Marítima, agiam com muita independência, contando com um apoio um tanto aparente por parte dos japoneses.⁶ Isso prejudicou severamente a eficácia do regime de Kolchak e reduziu a estabilidade na região. Depois do colapso do Governo Branco, no final de 1919, os Estados Unidos anunciaram sua intenção de se retirarem da Sibéria e as últimas tropas deixaram Vladivostok no dia 1 de abril de 1920.

O combate não foi a principal missão da Força Expedicionária Americana na Sibéria. Depois que as forças checas derrotaram as administrações controladas pelos bolchevistas na região no verão de 1918 e permitiram que se estabelecessem elementos mais moderados, a segurança, para as forças dos EUA, não era considerada um grande problema. A missão principal das forças americanas era prover segurança para a ferrovia Transiberiana. O 27º Regimento de Infantaria operou na região do Transbaikal próximo a Verkhne Udinsk, e o 31º Regimento de Infantaria operou na área logo ao norte de Vladivostok e a pequena cidade mineira de Suchan. As forças japonesas forneceram a segurança ao longo do

restante da ferrovia. As forças checas executaram esse serviço no oeste, do setor do 27º Regimento de Infantaria até a capital Branca em Omsk.⁷

O clima de inverno foi, no início, o pior inimigo das forças na Sibéria, mas, à medida que diminuía a autoridade do Governo Branco e as operações anti-bolshevistas de Semenov, Kalmykov e dos japoneses alienavam a população, as atividades de guerrilha se revelaram uma ameaça maior. Em fevereiro de 1919, um destacamento de 300 japoneses foi virtualmente destruído por uma emboscada de guerrilheiros em Yufta.⁸ No início de 1920, os guerrilheiros, agora como saqueadores, se apossaram da cidade de Nikolaevsk e massacraram as Forças Brancas, duas companhias de infantaria japonesas e numerosos civis, também japoneses.⁹ As Forças americanas não ficaram imunes: em junho de 1919, unidades do 31º Regimento de Infantaria foram atacadas em Suchan e em Romanovka e sofreram muitas baixas. No mesmo mês, as forças guerrilheiras em Uspenka atacaram unidades do 27º Regimento de Infantaria. Ao longo do ano, operações de pequenas unidades e de franco-atiradores ocorreram em pontes e outros lugares isolados da ferrovia onde as Forças americanas proviam a segurança.¹⁰

Uma Clássica Operação Militar de Não Guerra

Os ataques contra as Forças americanas ocorreram apesar de, na maioria das vezes, os americanos teimarem em manter sua posição de neutralidade, para grande frustração dos Russos Brancos e das próprias tropas americanas.¹¹ Este e outros fatores destacam a maneira pela qual o desdobramento de quase 9.000 soldados americanos na Sibéria oriental possuía todas as características de uma clássica operação militar de não guerra.

Durante a intervenção, os membros da expedição passaram grande tempo trabalhando com organizações não governamentais, como a Associação Cristã de Moços e a Cruz Vermelha Americana, assim como com várias organizações governamentais semi-oficiais, como a Administração de Alívio Americana (*American Relief Administration*) e a missão técnica dos EUA conhecida como o Corpo de Serviço da Ferrovia da Rússia (*Russian Railway Service Corps*). A intervenção na Sibéria foi também uma operação multinacional, provando ser uma distração para o governo americano e para os seus representantes, civis e militares, em campanha.

As Forças Armadas do Japão provaram ser parceiras de coalizão difíceis e problemáticas. Mesmo com as nações de coalizão menores, como a Inglaterra, a França e a Checoslováquia, questões sobre unidade de esforço e objetivos provaram ser quase insolúveis.¹²

Independente das suas vigorosas operações anti-bolchevistas, a atitude japonesa sobre a vigilância da ferrovia também diferia muito da dos americanos. Os japoneses



Wolffhound History Project Archives

Marcha regimental em Verkne-Udinsky na Sibéria.

nada fizeram para impedir que Semenov e Kalmykov interferissem nas operações ferroviárias, seqüestrassem ou emboscassem e roubassem as muito necessitadas armas, munições e outros suprimentos, vitais para o governo em Omsk. Os japoneses também usaram o seu controle da fronteira com a China para facilitar a entrada de produtos e mercadorias japonesas na Rússia (sem pagar tarifas alfandegárias ou de importação) enquanto impediam outras nações de fazer o mesmo. O 25º Regimento de Infantaria Middlesex britânico foi enviado para a Sibéria, essencialmente, como força aliada dos Brancos. Eles operaram bem além da sua área planejada de operações e pediam apoio, constantemente, aos outros parceiros da coalizão, apoio este que nunca chegou.¹³

A intervenção na Sibéria também lembra a moderna operação militar de não guerra porque a sua história não pode ser contada apenas pelo ponto de vista do Exército dos EUA. A Marinha dos EUA enviou vários navios para Vladivostok (o Almirante Austin M. Knight serviu como Comandante Supremo das Forças Navais da coalizão) e se ocupou com extensas operações de coleta de informações. Fuzileiros Navais dos EUA, destacados dos navios, realizaram patrulhas de segurança na cidade. Naturalmente, o pessoal do Departamento de Estado dos EUA teve um papel vital nas operações militares de não guerra, assim

como o tiveram Roland Morris, embaixador no Japão e vários cônsules na Sibéria. Mas, simplesmente estudar as operações conjuntas ou acrescentar história diplomática à mistura na Sibéria não é suficiente para um historiador. Ele requer um estudo mais amplo e deve levar em conta as atividades de numerosos outros atores.

A Associação Cristã de Moços e a Cruz Vermelha já foram mencionadas, mas as operações psicológicas também participaram. O esforço de propaganda feito pelo Comitê para a Informação Pública para ajudar a convencer os russos da intenção amigável americana e para fomentar o apoio às instituições democráticas, pró-capitalistas, é um importante exemplo de um dos primeiros usos das operações psicológicas.¹⁴ Muitos indivíduos — representantes de interesses financeiros, ferroviários, mineiros e outros, à procura de concessões e de prospectos promissores para investimentos e desenvolvimentos — também complicaram o cenário, particularmente em termos da cooperação interaliada.

Há ainda o caso de John F. Stevens, chefe do Comitê de Controle Técnico das Ferrovias Interaliadas (*Inter-Allied Railways Technical Control Board*), que teve a tarefa pouco grata e virtualmente impossível de tentar operar a Ferrovia Transiberiana de maneira a satisfazer as várias facções da coalizão de intervenção, sem mencio-

nar os russos.¹⁵ De fato, o principal esforço americano na Sibéria tinha menos a ver com as forças engajadas do que tinha com os esforços americanos para tentar controlar e administrar as várias ferrovias. Certamente, sem os esforços do Corpo de Serviço das Ferrovias Russas (*Russian Railway Service Corps*), cujos membros tinham postos no Exército e eram profissionais civis no ramo ferroviário — despachantes; gerentes; engenheiros de manutenção e de controle de movimento — é pouco provável que tivesse existido uma intervenção na Sibéria, tal como a que existiu. Com as linhas sob o controle japonês, os esforços para criar um estado intermediário pró-japonês no Oriente Distante Russo poderiam ter tido mais sucesso. Certamente teriam provocado uma maior resistência russa.

Um aspecto das operações militares de não guerra que pode clarificar um estudo sobre a intervenção siberiana é a questão dos objetivos da missão. Vista de outra maneira, a Força Expedicionária Americana na Sibéria poderia render uma espécie de justificativa póstuma ao comandante Graves. Ainda amplamente criticado como tendo sido demasiado passivo para conter os bolchevistas ou para apoiar as Forças Brancas, Graves é geralmente

Até certo ponto, não é de se admirar que os escritores trabalhando durante a Guerra Civil tivessem os seus relatos distorcidos pelo prisma das subseqüentes relações entre os EUA e a antiga União Soviética, classificando a intervenção como um esforço perdido contra o inevitável e um infeliz começo de um relacionamento importante. Os trabalhos de George F. Kennan e Betty Miller Unterberger, ainda dos mais importantes sobre o período, foram escritos nos finais da década de 50 e contêm claramente um certo “presentismo”.

descrito como um homem que se encontrava seriamente fora de sua área, que seguia suas ordens meticulosamente e ao pé da letra enquanto um governo anti-bolchevista, cuja manutenção se acreditava ser o objetivo da sua missão, extinguiu-se e morria.

De uma perspectiva atualizada, é fácil observar que as ordens de Graves, recebidas em agosto de 1918 e nunca mudadas ou clarificadas posteriormente, foram vagas e contraditórias, apesar de imporem, com firmeza, uma posição de neutralidade. Ao invés de teimosamente recusar enfrentar as realidades que se lhe deparavam à medida que se deteriorava a situação, é possível imaginar Graves como o santo patrono de todos os subseqüentes comandantes que desesperadamente têm procurado evitar o temido espectro das missões complementares. É certamente verdade que o objetivo desejado por muitos na Sibéria não foi realizado.

Cortesia de Graves, pode-se arriscar dizer que a situação não ficou infinitamente pior.¹⁶

Áreas para Estudo Posterior

A Sibéria, naturalmente, não foi a única arena dentro da qual as forças estrangeiras conduziram operações na Rússia logo após a revolução bolchevista. Porém, o esforço na Sibéria foi o único no qual os EUA tiveram um papel extenso e longo em termos de liderança e de desdobramento de tropas. Embora centenas de soldados americanos tenham participado na intervenção aliada em Archangelsk e em Murmansk, estiveram lá por um período mas curto de tempo e serviram sob o comando britânico.¹⁷ A Sibéria, portanto, é mais produtiva para analisar a intervenção como um tipo de operação militar de não guerra. Porém, um exame de estudos existentes sobre a intervenção como um todo, indica que a abordagem poderia também ser útil no estudo de operações em outros teatros.

Tal estudo ofereceria duas principais vantagens. Primeiro, como estudo da conduta de *MOOTW*, as operações aliadas na Sibéria e em outras partes fornecem exemplos dos muitos desafios inerentes a tais exercícios. Isso poderia começar com perguntas importantes sobre a validade do conceito básico de uma operação. Houve segurança adequada para as forças envolvidas? Houve um esforço unificado, tanto no contexto conjunto como multinacional, por parte das forças? Questões de coordenação, cooperação e ligação também surgem, referentes ao trabalho das forças e das organizações não governamentais. As organizações procuraram resultados compatíveis aos resultados almejados pelas forças? Foram os seus esforços redundantes ou conflitantes? Houve apoio mútuo? Teve a missão um semblante de legitimidade do ponto de vista do povo russo ou americano? Foi apropriado o uso de moderação das forças? Houve suficiente perseverança por parte dos comandantes em campanha ou das autoridades do governo americano? Finalmente, existiram objetivos de missão alcançáveis e capazes de serem atingidos pelos mecanismos de cooperação entre as entidades da coalizão ou do país anfitrião?¹⁸

O segundo benefício do exame de uma intervenção como operação militar de não guerra é o efeito positivo que pode causar sobre os estudiosos dos esforços americanos durante a Guerra Civil Russa. Os trabalhos escritos sobre a intervenção aliada na Rússia nos últimos 50 anos tem se encaixado em certas categorias, nenhuma satisfazendo aos critérios, por não descrever o verdadeiro escopo e alcance da intervenção. Em uma categoria, sem dúvida a mais familiar aos historiadores militares, os relatos sobre a intervenção são narrativas feitas em campanha que sacrificam tudo em troca da descrição das batalhas e dos participantes e que apresenta uma visão bastante distorcida das ações da maioria das tropas da coalizão



Foto de um soldado americano não identificado na frente de um trem adaptado com torres para canhões

durante o seu tempo de desdobramento. Com a exceção dos checos em 1918, o combate ativo era uma pequena porcentagem das atividades militares das tropas japonesas na Sibéria, sem falar nas americanas.

A concentração sobre as operações não apenas dá uma visão distorcida das experiências dos soldados como também ignora o trabalho bem mais ativo feito pelas agências civis no período. Entre alguns dos trabalhos apresentando essa visão distorcida encontram-se: *The Midnight War*, de Richard Goldhurst, *The Night They Almost Bombed Moscow*, de Christopher Dobson, *The AngloAmerican Winter War with Russia*, de Benjamin Rhodes e *The Republic of the Ushakovka* de R.M. Connaughton.¹⁹

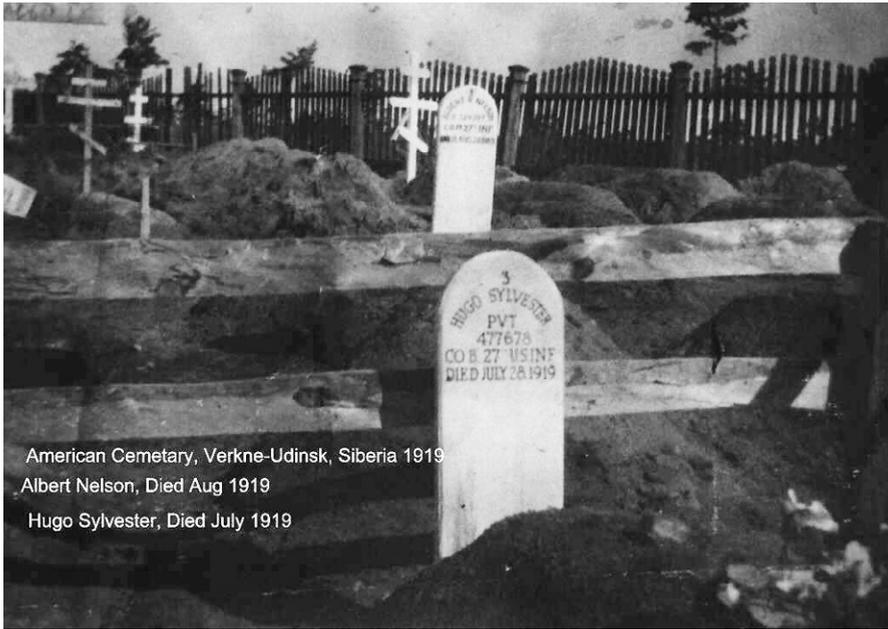
Até certo ponto, não é de se admirar que os escritores trabalhando durante a Guerra Civil tivessem os seus relatos distorcidos pelo prisma das subseqüentes relações entre os EUA e a antiga União Soviética, classificando a intervenção como um esforço perdido contra o inevitável e um infeliz começo de um relacionamento importante. Os trabalhos de George F. Kennan e Betty Miller Unterberger, ainda dos mais importantes sobre o período, foram escritos nos finais da década de 50 e contêm claramente um certo “presentismo”.²⁰ A Guerra Fria chegava a um de seus auge iniciais e a antiga União Soviética parecia ter a vantagem. Os comunistas haviam derrotado os fascistas e chegado ao espaço antes dos EUA. A Estrela Vermelha parecia estar em ascendência. Dada esta aparente realidade, como poderia a intervenção ser vista como algo menos que um empreendimento tolo ou quixotesco? Até mesmo escritores que se seguiram, nenhum do calibre de

Kennan ou Unterberger, embora possivelmente menos admiradores da União Soviética, estavam impressionados com a sua influência. O *The Unknown War with Russia*, de Robert James Maddox, é um exemplo.²¹

Durante a década de 90, escritos sobre a intervenção tendiam para a direção oposta, sofrendo de um “passadismo” igualmente intenso. Se a União Soviética estava

Analisando as ações do ponto de vista da operação militar de não guerra, com relação à intervenção, ou enfocando a natureza distintamente limitada do esforço americano ao invés dos resultados históricos de uma vitória Branca ou Vermelha, talvez possamos nos distanciar das ponderações irrealis e nos restringirmos a considerar o que poderia ter sido realizado pelo dito esforço, tão limitado, realisticamente falando. Mesmo nestes termos, há pouca dúvida que o esforço americano na Sibéria pode ser considerado, praticamente, um fracasso total e de longo prazo.

destinada a um colapso eventual, não teria o processo sido apressado? Os escritos tendem a considerar a intervenção como uma oportunidade perdida para impedir boa parte do sofrimento que foi um marco do século XX. O *Stillborn Crusade*, de Ilya Somin, é um dos trabalhos que



American Cemetery, Verkne-Udinsk, Siberia 1919
Albert Nelson, Died Aug 1919
Hugo Sylvester, Died July 1919

Wolfhound History Project Archives

Cemitério americano em Verkne-Udinsky na Sibéria. As lápides são de Albert Nelson que morreu em agosto de 1919 e Hugo Sylvester que morreu em julho do mesmo ano.

examina a época com rancor.²² Com menos entusiasmo, Victor M. Fic, em suas duas recentes monografias sobre o progresso da intervenção em 1918, *The Collapse of American Policy in Russia and Siberia* e *The Rise of the Constitutional Alternative to Soviet Rule in 1918*, mostra-se admirado com as oportunidades que aparentemente existiram para derrotar os bolchevistas.²³

Possivelmente a maior crítica que pode ser feita contra a intervenção como uma operação militar de não guerra está no fato indiscutível que absolutamente ninguém envolvido no esforço americano na Sibéria tinha conceito algum do que era uma operação militar de não guerra ou qualquer idéia de que estivessem engajados em uma. É certamente verdade que ninguém, do lado americano, era capaz de articular o desafio militar em termos da doutrina da operação militar de não guerra.

Que o mundo teria, provavelmente, sido um lugar muito melhor, bastando para isso que a tirania dos bolchevistas tivesse sido detida logo no início, é uma suposição difícil de se contestar. Todavia, embora trabalhos pós-Guerra Fria demonstrem que existiram numerosas oportunidades para isso, outros demonstram com clareza que os líderes ocidentais não tinham a intenção, o desejo ou a vontade de fazer tal esforço. A contingência histórica opera somente em casos onde os atores atuam. Questões sobre o que a

intervenção fez ou deixou de fazer impedem as pessoas de se conscientizarem a respeito do que a intervenção conseguiu, de fato, realizar. Do lado americano, particularmente, foi uma operação estabilizadora, com um limitado comprometimento de forças, como parte de um esforço global para prover uma segurança básica e uma estabilidade econômica que evitassem um desastre humanitário e que fomentassem um ambiente onde as forças políticas da nação anfitriã pudessem determinar os seus próprios destinos.

Analisando as ações do ponto de vista da operação militar de não guerra, com

relação à intervenção, ou enfocando a natureza distintamente limitada do esforço americano ao invés dos resultados históricos de uma vitória Branca ou Vermelha, talvez possamos nos distanciar das ponderações irrealis e nos restringirmos a considerar o que poderia ter sido realizado pelo dito esforço, tão limitado, realisticamente falando. Mesmo nestes termos, há pouca dúvida que o esforço americano na Sibéria pode ser considerado, praticamente, um fracasso total e de longo prazo. A segurança foi negligenciada, o que levou ao confronto e baixas. A completa falta de um esforço unificado, os objetivos conflitantes das forças multinacionais e a falta de controle por parte das forças japonesas, eventualmente comprometeram a legitimidade da missão na visão dos russos e dos americanos e minaram qualquer desejo que Wilson ou o público americano tinham para perseverar. Durante o período da intervenção em si, foi alcançado um nível de estabilidade, mas falhas básicas no conceito da intervenção impediram o estabelecimento de um regime local que pudesse — ou que estivesse interessado em — manter a necessária estabilidade política e econômica.

Isso não sugere que considerar a intervenção como uma operação militar de não guerra nos livre de antigos preconceitos ou nos ajude a produzir uma imagem clara da intervenção como um todo. As perguntas que fazemos sobre a intervenção e as lições que tentamos extrair dela são um produto de nossas obsessões do momento e do desejo de criar uma perspectiva nova. O verdadeiro valor desta abordagem, portanto, não está na criação de uma nova interpretação da intervenção, que possa finalmente desvendar a verdade, onde outros fracassaram, mas em

prover exemplos, modelos, estudos e lições que nos ajudem com as necessidades atuais.

Possivelmente a maior crítica que pode ser feita contra a intervenção como uma operação militar de não guerra está no fato indiscutível que absolutamente ninguém envolvido no esforço americano na Sibéria tinha conceito algum do que era uma operação militar de não guerra ou qualquer idéia de que estivessem engajados em uma. É certamente verdade que ninguém, do lado americano, era capaz de articular o desafio militar em termos da doutrina da operação militar de não guerra. Porém, virtualmente todos sentiram, de uma maneira ou de outra, a falta ou a necessidade de lidar com algum ou com todos estes conceitos operacionais.

As atividades, ou com mais freqüência, as inatividades, nas quais as forças se encontravam engajadas e as frustrações e confusões que os (aparentemente) contraditórios objetivos da missão engendravam, frustravam as tropas em campanha, seus comandantes, as autoridades em Washington e o povo americano, geralmente do mesmo modo em que as missões na Somália, no Haiti e na Bósnia têm incomodado desde 1990.

O sucesso da abordagem da intervenção como operação militar de não guerra, cria dois importantes possíveis cenários para os historiadores militares. O primeiro, por proporcionar uma resposta ao dilema “e daí?”, sempre presente, daria aos historiadores uma oportunidade para reexaminar, produtivamente, ou para resgatar da

obscuridade, muitas das operações em tempo de paz conduzidas pelos militares americanos no século XX — por exemplo, as “guerras da banana” na América Central e no Caribe, e o envio de Fuzileiros Navais dos EUA ao Líbano em 1958 e 1982-84. O segundo, e muito mais importante, é o acesso a uma audiência maior — não apenas os planejadores militares ou civis envolvidos no estudo de política, mas também os cidadãos comuns — com um entendimento das complexidades e frustrações que, inevitavelmente, tais operações apresentam.

Um povo informado estará em muito melhor posição para julgar as decisões tomadas pelos seus líderes civis e militares relacionadas com o envolvimento de forças americanas em várias situações em todo o mundo. No final das contas, os que provavelmente mais se beneficiarão desse povo bem informado serão os próprios soldados. As palavras de S.L.A. Marshall descrevem de forma eloqüente o que está em jogo: “Mas, alguém pode argumentar, a grandeza e a miséria dos americanos que estiveram em Archangelsk ou combateram no território russo exemplificam qualidades de uma época passada. É preferível esquecer a maneira com que foram enganados e fracassaram e as lições derivadas de seu sofrimento, por não se aplicarem ao presente. Tais sentimentos são expressados após cada guerra, motivo principal que explica porque os fracassos não servem como sinais de advertência.”²⁴ **MR**

Refêrencias

1. S.L.A. Marshall citado em E.M. Halliday, *The Ignorant Armies* (Nova York: Jonathan Cape, 1931), xvi.
2. George F. Kennan, *Soviet American Relations, 1917-1920: The Decision to Intervene*, vol. 2 (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1958), p. 398.
3. *Ibid.*, 39699.
4. Richard M. Connaughton, *The Republic of Ushakovka: Admiral Kolchak and the Allied Intervention in Siberia, 1918-1920* (London: Routledge, 1990), capítulo 5.
5. John Albert White, *The Diplomacy of the Russo-Japanese War* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1964), p.1822.
6. Connaughton, 4546; Kennan, 6571; James William Morley, *The Japanese Thrust into Siberia* (New York: Columbia University Press, 1954), 95100.
7. Connaughton, 137; White, *The Siberian Intervention* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1950), 15051. Veja também John M. House, *Wolfhounds and Polar Bears in Siberia: America's Military Intervention* (dissertação Ph.D não publicada, University of Kansas, 1986), capítulo 9.
8. Guerrilheiros bolchevistas emboscaram e mataram todos menos 8 dos 300 homens do destacamento Tanaka do 72º Regimento de Infantaria, 12ª Divisão de Infantaria. Apesar de ter sido informada pelos jornais japoneses, esta derrota não causou a mesma sensação que o massacre de soldados e civis japoneses em Nikolaevsk um ano mais tarde. O incidente está virtualmente esquecido. Não existe nada sobre ele em inglês. Uma descrição da batalha se encontra na “novela” de Takahashi Osamu *Hahei [Troop Dispatch]*, vol. 2 (Tokyo: Asahi Shinbunsha, 1973), 41128.
9. White, *Siberian Intervention*, 28692.
10. House, 14154.
11. Connaughton, 11317.
12. *Ibid.*, capítulo 7.
13. *Ibid.*, 13133.
14. James D. Startt, “American Film Propaganda in Revolutionary Russia,” *Prologue* (outono de 1998), pp.167-79.
15. White, *Siberian Intervention*, 13435, 14450; Kennan, 6465.
16. Connaughton, 17172. Graves defende a sua posição em *America's Siberian Adventure, 1918-1920* (New York: Jonathan Cape, 1931).
17. Halliday, *The Ignorant Armies* (New York: Harper and Row, 1960), descreve a ação no norte da Rússia.
18. As perguntas operacionais relativas a MOOTW foram retiradas da *Joint Publication 30, RSD* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 10 de dezembro de 1999), capítulo 5, p. 26.
19. Richard Goldhurst, *The Midnight War: The American Intervention in Russia, 1918-1920* (New York: McGraw Hill, 1978); Christopher Dobson, *The Night They Almost Bombed Moscow: The Allied War in Russia, 1918-1920* (Nova York: Atheneum, 1986); Benjamin Rhodes, *The AngloAmerican Winter War with Russia: a Diplomatic and Military Tragicomedy, 1918-1919* (Nova York: Greenwood Press, 1988); Connaughton, pp.171-72.
20. Kennan, *Soviet American Relations, 1917-1920: Russia Leaves the War*, vol. 1 (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1956), e Kennan, vol. 2, 398; Betty Miller Unterberger, *America's Siberian Expedition, 1918-1920* (Durham, NC: Duke University Press, 1956); Unterberger, *American Intervention in the Russian Civil War* (Lexington: D.C. Heath, 1969); Unterberger, *The United States, Revolutionary Russia and the Rise of Czechoslovakia* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989).
21. Robert James Maddox, *The Unknown War with Russia: Wilson's Siberian Intervention* (San Rafael, CA: Presidio Press, 1977).
22. Ilya S. Somin, *Stillborn Crusade: The Tragic Failure of Western Intervention in the Russian Civil War, 1918-1920* (New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1996).
23. Victor M. Fic, *The Collapse of American Policy in Russia and Siberia, 1918: Wilson's Decision Not to Intervene* (Boulder, CO: East European Monographs, 1995); Fic, *The Rise of the Constitutional Alternative to Soviet Rule in 1918: Provisional Governments of Siberia and AllRussia: Their Quest for Allied Intervention* (Boulder, CO: East European Monographs, 1998).
24. Halliday, xvi.

Paul E. Dunscomb é Bacharel pelo Ithaca College, Mestre pela State University of New York, em Albany e Ph.D. pela University of Kansas.